



ANTÓNIO M. DE FRIAS MARTINS*

CARACÓIS E LESMAS DOS AÇORES: UMA RIQUEZA ESCONDIDA

*BIÓLOGO

AS REACÇÕES MAIS COMUNS AO OUVIR FALAR DE CARACÓIS e lesmas (moluscos terrestres) são de repulsa por tão repugnantes criaturas ou de revolta na defesa incondicional das couves do seu quintal. O valor destes seres é aparentemente tão pouco acima de desprezível que, para se exemplificar tal situação de alguém ou de alguma coisa, se diz que “não vale um caracol”. Tais reacções e sentimentos, porém, são notoriamente exagerados! Em outras terras, seja onde o *gourmant* predomina ou onde o *gourmet* dita a moda chique, *caracoletas* são consumidas à mão cheia em feira popular e *escargots* fazem-se pagar pelo galicismo de estampa em *entrées* exóticas de restaurantes finos. Mas este é apenas o começo de uma história que se quer corrigir; para além do prato, os caracóis têm o pé bem assente no mundo da ciência, e os dos Açores têm-no de um modo especial.

A malacofauna terrestre (elobiídeos do supra-litoral incluídos) e de água-doce dos Açores conta 112 espécies, das quais 50 são endémicas, isto é, só existem neste arquipélago. Que se saiba, nenhum outro grupo animal ou vegetal possui tão elevada percentagem de espécies tipicamente açorianas. No entanto, se bem que elevada, a taxa de endemismos nos moluscos terrestres dos Açores é inferior à da Madeira (66%) ou das Canárias (80%). Tal facto é atribuído à juventude geológica dos Açores comparada com a idade daqueles outros arquipélagos. Por outro lado, as frequentes erupções vulcânicas, se bem que por vezes catastróficas, podem ter contribuído para a diversificação biológica. As periódicas destruições localizadas subdividiram populações e os agregados que sobreviveram carregaram consigo o germen da diferenciação devido ao isolamento a que os forçaram os caprichos da Natureza. Daí que a história do aparecimento dos

Açores seja fundamental para o entendimento da história dos seus caracóis terrestres. Até aqui, à primeira muito se tem dado honras de ciência; porém, o interesse pela segunda afirma-se cada vez mais, com a descoberta recente de endemismos peculiares a cada ilha, mais frequentes do que antes se suspeitava. Resultante desses estudos, considera-se que existem por descrever ainda umas três dezenas de espécies de moluscos terrestres; assim sendo, a percentagem de endemismos na malacofauna terrestre e dulçaquícola dos Açores subirá para 57%.

Uma pergunta básica parece pertinente ao estudar-se os moluscos dos Açores: de onde terão vindo? Darwin, ao passar pelo arquipélago em 1836, reconheceu uma fauna e flora tipicamente inglesas. De facto, nas espécies da malacofauna actual consideradas autóctones (estabelecidas na região por meios naturais, i.e., antes da colonização humana) predominam os endemismos (45%) e os moluscos de distribuição tipicamente Europeia (38%) ou comuns à Europa e à América (8%). Apenas 6 espécies têm distribuição macaronésica (5%) e das restantes, introduzidas recentemente, apenas quatro são de origem Norte-Americana e estão restringidas a habitats fortemente influenciados pela acção humana. O isolamento das ilhas a meio do Atlântico Norte, hoje sujeitas aos ventos e correntes marinhas dominantes vindos de terras Americanas, torna difícil a explicação da origem esmagadoramente Europeia dos moluscos terrestres dos Açores; há que recorrer ao passado longínquo para se perceber o presente.

Podem identificar-se duas fases na colonização malacológica do Arquipélago. A primeira, lenta, deve ter-se iniciado há uns oito milhões de anos – a idade geológica de Santa Maria – e tecnicamente ainda continuará. O transporte será natu-



A



B

IMAGEM 1 Espécies de origem neártica (Americana), mas com data de chegada diferente. **A**, o endêmico *Punctum azoricum*, a mais pequena espécie dos Açores (0,9 mm), é comum nas florestas em todas as ilhas. Por outro lado, **B**, *Helicodiscus parallelus*, considerado como introduzido, está confinado à Vinha Brava, Terceira.

ral: pelo vento sobretudo quando os juvenis aderem às folhas secas, agarrados ao corpo das aves, em materiais à deriva. Bastava que em cada mil anos uma espécie assim transportada se estabelecesse nas ilhas para que se pudesse explicar toda a variedade de hoje; se se considerasse apenas as espécies autóctones, este espaço temporal seria muito mais dilatado. Como eram os Açores de então, só agora se começou a descobrir e muito mais é deixado teorização dos investigadores. A uns 50 km a oeste das Flores existe uma ilha submersa, a 450 m de profundidade, que se assegura ser da idade de Santa Maria, a ilha emersa mais antiga dos Açores. Foi certamente a estas duas ilhas, então muito mais próximas do que hoje, que começaram a aportar as espécies que existiam na Europa pré-glaciar. Fazendo fé novamente na cartografia das terras submersas, crê-se que outros arquipélagos entre a Europa e os Açores, agora tragados pelo oceano devido à irrequietude da crosta terrestre, tenham servido de pontes de passagem (ou, mais propriamente, pontos de paragem) para estas espécies forçadamente aventureiras. Foram estes colonizadores chegados em vagas sucessivas que, através de muitas gerações e isolados das populações de origem, vieram a constituir o que hoje apelidamos de autóctones e endemismos, numa gradação consentânea com a idade de chegada e o vigor evolutivo. As várias glaciações do último milhão de anos, que cobriram de gelo quase toda a Europa, encarregaram-se de extinguir quase por completo muitas das populações de origem, no continente Europeu. Nos Açores residem, pois, os testemunhos vivos dessa época dos mamutes.

IMAGEM 2 Os vitrinídeos açorianos são carnívoros, vivem preferencialmente nas florestas e estão aqui representados por dois géneros endémicos. **A**, a lesma *Plutonia atlantica*, de hábitos subterrâneos, alimenta-se de minhocas. **B**, a semilesma *Azorivitrina brumalis* tem dieta mais variada.



B



A



B



C

IMAGEM 3 Muito variável e colorido, o género *Oxychilus* constitui um claro exemplo de radiação evolutiva, contando com 15 espécies descritas, como os endemismos terceirenses *Oxychilus (Drouetia) miceui* (A) e *Oxychilus (Drouetia) furtadoi* (B). Por descrever estarão ainda 16 espécies, como esta raríssima (C), colhida em Santa Maria nos anos 90 e que se teme já esteja extinta.

A SEGUNDA FASE DE COLONIZAÇÃO, RECENTÍSSIMA E REPENTINA, aconteceu com a chegada das caravelas e, com elas, dos mantimentos e das plantas trazidas das terras de origem para se propagarem neste solo fértil. Foi esta leva que trouxe as espécies mais ostensivamente daninhas: os caracóis e as lesmas. Oportunistas, rapidamente conquistaram terreno inculto e, em grande parte, possuem tal distribuição que eficazmente mascara a sua recente entrada na comunidade malacológica açórica. É também este seu oportunismo que as torna prejudiciais em terrenos de monocultura, de comunidades biológicas simples e pobres, pois cedo se tornam dominantes.

As espécies endémicas, mais interessantes, passam de facto despercebidas por razões de preferências de habitat. Refugiadas sobretudo nas montanhas, as espécies tipicamente açorianas abundam onde o efeito da mão do homem escasseia. Possivelmente a sua incapacidade de competir com as intrusas trazidas pelas caravelas está na sua adaptação milenar a uma floresta de laurissilva, de estrutura complexa e, por isso, mais estável, que cobria as ilhas até aos calhaus da beira mar. E, durante os milhares de anos de paz, quando o único mamífero residente, o morcego, lhes não perturbava o mundo de folhas caídas e troncos musgosos, lentamente se foram diversificando, conquistando novos micro-habitats, naquilo que tecnicamente se chama “radiação evolutiva”.

A riqueza maior da malacofauna Açoriana está nos seus abundantes endemismos; eles são o testemunho mais evidente da dinâmica da evolução, transformando o arquipélago

num autêntico laboratório natural. Dentro das espécies endémicas, há a considerar aquelas cuja distribuição não ultrapassa as fronteiras da ilha. Para além de também partilharem espécies endémicas, apenas três ilhas possuem endemismos intrainsulares descritos: Santa Maria, que pela sua peculiaridade entre as ilhas açorianas devia ser considerada património científico, contribui para a fauna malacológica açórica com 14 endemismos intrainsulares; segue-se-lhe São Miguel com 9 e a Terceira com 3. Todas as outras possuem apenas endemismos partilhados em proporções diferentes, sendo tal situação muito mais evidente no Grupo Central. Diz-se na literatura, talvez por influência destes números, que a taxa de endemismos decresce à medida que se avança para as ilhas ocidentais. Investigações recentes, porém, estão a mostrar que a fauna malacológica das Flores, se não comparável à de Santa Maria, talvez lhe siga em variedade. Recolhas na Graciosa, São Jorge, Pico e Corvo, ilhas tidas como não possuidoras de espécies confinadas a cada uma delas, vêm mostrar que, também elas, possuem endemismos intrainsulares. A publicação de tais dados virá exigir que se repensem algumas das afirmações sobre a zoogeografia dos Açores. Por outro lado, o estudo comparativo dessas espécies, desde a sua anatomia ao seu comportamento, poderá fornecer indícios que permitam penetrar no passado, reconstituir de certo modo um padrão de colonização biológica das ilhas e, conseqüentemente, contribuir para o esclarecimento da história natural do Arquipélago.